

VERTENTES DA PSICOLOGIA SOCIAL MODERNA: MEAD E HEIDER

Tarcízio Rego Quirino*

Departamento de Recursos Humanos / EMPRAPA

RESUMO - A psicologia social é considerada uma das ciências sociais mais avançadas, porque tem conseguido superar a dualidade entre teoria e pesquisa empírica. O artigo mostra como Mead e Heider contribuíram para essa superação, a partir de sua origem intelectual comum na universidade alemã do século passado. São comparadas as características de suas contribuições, contrastadas as semelhanças e ressaltadas as diferenças, no que se refere à própria concepção de psicologia social, ao processo de percepção, às influências sociais sobre o indivíduo e às formas de coordenar as ações deste com as dos outros. Conclui-se que a contribuição de Heider é mais próxima à moderna concepção de ciência empírica e a de Mead mais se aproxima da concepção de ciência humanística. Ambas, porém, foram absorvidas pela psicologia social atual, em cada uma de suas duas vertentes mais importantes: a que tende para a psicologia e a que tende para a sociologia.

MODERN SOCIAL PSYCHOLOGY SPRINGS: MEAD AND HEIDER

ABSTRACT - Social psychology is seen as one of the most advanced among the social sciences, because it overcame the duality between theory and empirical research. The paper shows how Mead and Heider contributed to this, having as a common ground their intellectual origin at the German university of the last century. Characteristics of their contributions are compared, similitudes are contrasted and differences are emphasized. The perception process, the social influences upon the individual as well as the forms of coordinating one's actions *vis-a-vis* the others are taken as subject of analysis. It is concluded that Heider's contribution is most akin to the modern conception of the empirical science, while Mead's is most akin to the conception of humanistic science. However, the contributions of both of them have been adopted by modern social psychology in either of its two most important springs: the one which tends toward psychology and the one which tends towards sociology.

* Endereço: EMBRAPA - DRH - SAIN - Parque Rural, final da W/3 Norte, 70770 - Brasília, DF.

A psicologia social, juntamente com a economia, é considerada a mais desenvolvida entre as ciências sociais de hoje. A razão principal para isso é que a psicologia social não só submete suas teorias a testes empíricos, por meio de observações controladas e de experimentação, mas também renunciou a encontrar a explicação única do comportamento humano, procurando, em vez disso, propor teorias práticas que sejam ao mesmo tempo testáveis e falsificáveis. Embora esta tendência esteja trazendo indubitavelmente a possibilidade de aumentar seu poder preditivo e seu uso pragmático, é verdade que o campo está ainda muito longe de atingir a qualidade de coerência e de sistematização entre as explicações, que fazem do conhecimento uma ferramenta prática para a ação e um prazer estético para a mente.

Se descrevêssemos a ciência moderna como principalmente um instrumento para a ação (explicação como exercício preditivo), e a ciência mais antiga como, principalmente, uma explicação do mundo (explicação como atribuição de sentido para as coisas em um sistema integrado ou *Weltanschauung*) deveríamos concluir que Heider é predominantemente moderno e que Mead é predominantemente antigo. Tentaremos mostrar que isso é somente parte da verdade, e que, embora Heider se haja beneficiado de ter escrito seu trabalho principal dois quartos de século depois de Mead, dois quartos de século em que a ciência experimentou um crescimento sem precedentes na história da humanidade, eles são tão distantes um do outro e algumas das suas idéias básicas são excitantemente paralelas. Esse paralelismo, todavia, está engastado em um estilo de pensamento profundamente distinto.

A origem comum

Georges Herbert Mead (1863-1918) nasceu em Massachussets (EUA) e foi para a Alemanha em 1889. Em Leipzig e em Berlim¹ onde permaneceu até 1891, teve a

Charles W. Morris (1970), em sua introdução a "Mind, Self and Society", afirma (p. XIII) sobre Mead: "Embora ele estivesse em Berlim, e não em Leipzig com Wundt.." A mesma afirmação é feita também por Victoroff (1953:14). "Parmis les psychologues étrangers que Mead a connus, il convient de citer Wundt en premier lieu. Mead n'est jamais allé à Leipzig. Il n'a donc jamais pu suivre les cours du maître". ("Entre os psicólogos estrangeiros que Mead conheceu, deve-se citar Wundt em primeiro lugar. Mead jamais esteve em Leipzig. Não pode, pois, assistir os cursos do mestre"). Contudo, apesar dessas duas afirmações explícitas e definitivas, prefiro acreditar em outra, que aparece nas "Bibliographical Notes" ("Notas Bibliográficas") de H. C. A. M., páginas XXV-XXIX, do livro de Mead intitulado "The Philosophy of The Act" ("A Filosofia do Ato"), que foi publicado em 1938 com uma introdução do próprio Morris. O autor das "Notas" conta que Mead, depois de ter acompanhado e orientado a companhia "Winsconsin Central" no trabalho de assentamento da primeira linha de trem entre Minneapolis e Moose-Jaw, foi para Harvard, onde estudou durante os anos de 1887 e 1888. No ano seguinte, foi para o exterior estudar Filosofia. Com referência à sua crescente intimidade com sua esposa Helen Castle, lemos o seguinte: "Ambos estavam no exterior estudando e viajando. Em Leipzig, os três (Mead, Helen e o irmão desta, Henry) hospedavam-se na pensão de Frau Steckner. Foi então que Henry Castle se enamorou e casou com Frieda, a filha de Frau Steckner". O autor nos faz saber, nas linhas seguintes, que algumas das informações se originaram em uma fonte não publicada de Helen Castle Mead, que casou com Mead em Berlim, no dia primeiro de outubro de 1891. Portanto, parece altamente provável que Mead de fato estudou com Wundt em Leipzig.

sorte de ter sido exposto ao clima altamente estimulante que a psicologia social estava experimentando na época. Isto aconteceu, à época, devido à mudança para a Alemanha da iniciativa intelectual no campo das ciências sociais, antes lideradas pela França e Inglaterra (Halsey, 1971), e devido ao desenvolvimento da psicologia experimental (Allport, 1968), assim como às evidências que haviam sido conseguidas recentemente a respeito das teorias evolucionistas na biologia.

Esse clima intelectual certamente pode ser caracterizado como parte das linhas mestras do projeto de universidade patrocinado por Humboldt e, ao mesmo tempo, atribuído a ele. Efetivamente, a reforma educacional proposta por Wilhelm von Humboldt em 1809, cujo centro era o estabelecimento de um novo conceito de universidade em Berlim, levou a ciência alemã a grande produtividade naqueles campos que eram, de acordo com Morris (Mead, 1970), exatamente os que mais influenciariam Mead: linguagem, estudos da religião e mitologia. A essa lista acrescentaríamos ainda a etnologia.

Sendo ele próprio um filósofo e tendo como irmão o prodigioso *scholar* e o andarilho ubíquo, o naturalista Alexandre, Humboldt é de fato um dos maiores responsáveis pelo alto nível da tradição intelectual implantada desde então na Universidade de Berlim e irradiada posteriormente para as demais universidades alemãs. Foi ela que produziu o maior influenciador de Mead, na pessoa de Wundt, e os influenciadores de Heider, nas pessoas de Köhler, Wertheimer e Lewin. A grande ênfase que a universidade humboldtiana sempre deu a considerar o método científico como o modo correto de aquisição do conhecimento, em oposição à tradição e à teologia (Rühle, 1966) teve enorme influência na formação de Mead, que era filho de ministro protestante. Só há pouco tempo ele houvera libertado sua mente de uma educação fortemente puritana e do pensamento dogmático (Mead, 1959).

O vienense Fritz Heider (1896-1988) foi para Berlim como estudante de pós-doutorado em 1921 depois de ter recebido o seu diploma em Graz na Áustria, onde estudou com Meinong, o qual tinha sido alguns anos antes o orientador de doutorado de um dos primeiros gestaltistas, Ehrenfelds (Heider, 1970). Ali, ele estudou com importantes teóricos da *Gestalt* como Wertheimer, Köhler e também com Kurt Lewin. A visão humanística dos psicólogos de Berlim, a tentativa de "integrar a natureza, a vida e a mente" e "tratar o domínio da ciência e o domínio do sentido e do valor nos mesmos termos" (Heider, 1970), parece ter sido uma constante na influência que ambos, Mead e Heider, receberam nos seus primeiros anos, embora estes hajam sido mediados por mais de um quarto de século de desenvolvimento.

Um dos lugares em que Mead expõe o seu pensamento sobre a interrelação entre natureza, vida e mente, é quando estuda o sentido da história e as possibilidades de mudança social. Começa argumentando que as razões aparentes dos nossos atos não são sempre as únicas. Processos biológicos e sociais profundos e hábitos, como alimentação, reprodução sexual e funcionamento da sociedade, estão no fundo de nossas mentes como razões reais para agir. E continua:

... quando, porém, acontece uma mudança considerável na situação social, as indicações e ocasiões para a conduta que funcionava anteriormente deixam de responder aos impulsos e aos proces-

... a que deveriam estar ligados. Surge então o mal-estar e a fricção, que muitas vezes não somos capazes de entender. Aparece, pois, uma falha na ligação entre nossas atitudes subjacentes, que mudaram, e as nossas mentes, com suas idéias definitivas e seus valores, os quais deveriam dar a expressão àquelas. (Mead, 1959, pp. 479-486).

De forma paralela, Mead nos mostra como cada nova descoberta, cada nova hipótese científica, nos traz um novo sentido para o presente e, concomitantemente, um novo sentido para a história.

A moral é que nós não podemos interpretar o sentido de nosso presente através da história do passado, porque precisamos reconstruir a história do passado através do estudo do presente... Infelizmente o passado não é imutável. Cada geração reescreve a sua história. (Mead, 1959, pp. 486-487).

Finalmente, ele diz que, embora todas as espécies controlem, em algum sentido, seu meio ambiente, o homem tem um controle sobre suas condições de vida ainda mais poderoso que todas. O corolário é que o homem pode reconstruir o seu mundo e a sociedade através de uma abordagem inteligente dos problemas, de modo a assumir o controle das condições a partir das quais possa brotar o mal que se queira evitar. E conclui:

... o mais sério obstáculo para esse tipo de inteligência está no fato de que as idéias tradicionais que estão em nossa mente não se adaptam para expressar o problema em termos das condições de controle. (Mead, 1959, p. 492).

Esse texto do pensamento de Mead, que não tem alcançado a devida popularidade entre os cientistas sociais, além de ser um grande exemplo do genuíno pragmatismo americano, combina perfeitamente com a tradição manifesta do *Berlinergeist*. Negar qualquer tipo de dualismo se tornaria um dos temas centrais dos teóricos da *Gestalt* de Berlim, que influenciaria Heider trinta anos mais tarde.

Sobre isso, Heider escreve:

eles tinham horror ao vitalismo, porque isso implicava na presença de um agente metafísico misterioso que entra no mundo da natureza a partir de fora e que, de um certo modo, se torna responsável pela ordem do mundo, como nós a percebemos. (Heider, 1970).

Psicologia social

Heider e Mead são indiscutivelmente dois clássicos da psicologia social. No período coberto pelo banco de dados eletrônico do *Citation Index* (1972 a 1989, que foi excluído), Mead recebeu citações em 2.250 trabalhos e Heider em 2.762, o que é uma medida de sua vasta influência na disciplina.

Contudo, por paradoxal que pareça, e num sentido específico que será explicado adiante, nem Heider nem Mead escreveram um livro abrangente sobre a psicologia social. O primeiro, porque propositadamente limitou sua contribuição a apenas um as-

pecto da disciplina; o segundo, porque jamais formalizou em livro seu vasto trabalho intelectual. Qual é, pois, sua compreensão do campo intelectual que tanto influenciaram? As anotações de classe deste último, editadas a partir das notas estenográficas de seus estudantes sob o título de "Mind, Self and Society", nos dão o que podemos considerar uma apresentação mais ou menos sistemática de suas idéias nesse campo. Todavia, sua definição de psicologia social² não é tão interessante para nós como o é a abordagem que ele faz da disciplina. Ele diz:

O ponto de apoio que eu gostaria de sugerir é o de lidar com a experiência do ponto de vista da sociedade, ou pelo menos do ponto de vista da comunicação, como sendo essencial para a ordem social. A psicologia social, nessa visão, pressupõe uma abordagem à experiência do ponto de vista do indivíduo, mas tenta determinar em particular aquilo que pertence à sua experiência, porque o indivíduo, ele próprio, pertence a uma estrutura social, a uma ordem social. (Mead, 1970, p. 1).

Seu humanismo é assumido desde o início, quando descarta a noção de uma alma substantiva dotada desde o nascimento com o *self* de cada pessoa. Deste modo, ele limpa o campo, de forma a construir talvez a sua mais importante contribuição teórica à psicologia social. Mead consegue fazê-lo, mantendo o ponto de vista que lhe é próprio, isto é, de que o *self* surge totalmente a partir do social. A concepção evolucionária que tinha, sobre a situação atual da natureza, leva Mead à necessidade de explicar o surgimento da mente como constituindo a diferença entre os homens e os animais. Esse ponto é, na realidade, uma das pontes mais importantes que podemos encontrar ligando a filosofia de Mead com sua psicologia social.

A despeito do seu behaviorismo, a perspectiva de Mead na psicologia é essencialmente uma perspectiva histórica. Ele toma a doutrina darwiniana do evolucionismo como explicação da sobrevivência e da mutação das espécies biológicas (Mead, 1970). Assim, ele pensa em forma de processos (Strauss, 1956) e não pode ignorar que tudo que o homem é hoje deve ser explicado em conexão com a noção de que isso não foi sempre assim.

Seu esforço para distinguir entre homens e animais, a partir de uma teoria social da mente, é um corolário de suas premissas. A mente emergiu no processo evolucionário quando o animal humano foi capaz de indicar, a si próprio e aos outros, quais são os elementos do meio ambiente que são vantajosos para a sua relação com o ambiente. Assim fazendo, se tornou capaz de controlar o seu ambiente através do controle de suas relações com este, isto é, dando sentido ao ambiente.

O animal humano formou um mecanismo de comunicação pela linguagem, através do qual pode obter esse controle. Afirmo, pois, que é este mecanismo de controle sobre o significado, compreen-

2. Mead define psicologia social "como um ramo da psicologia geral". "Encontramos uma definição da psicologia social, no estudo da experiência e do comportamento do organismo individual ou *self*, em sua dependência em relação ao grupo social a que pertence" (Mead, 1970, p. 1).

dido desse modo, que constitui o que chamamos de *mente*. (Mead, 1970, pp. 131-133).

A interdependência entre psicologia e filosofia está continuamente presente no pensamento de Mead. Poderíamos indicar exemplos na direção contrária, isto é, de seu pensamento sócio-psicológico influenciando a sua filosofia. Essa é uma das razões porque, embora não encontremos em Mead proposições formais logicamente interrelacionadas do modo que consideramos hoje que uma teoria deve ser, nem tenhamos em sua obra um conjunto de hipóteses específicas, podemos tirar dele um riquíssimo quadro de referências, capaz de suscitar questões e de sugerir linhas de pesquisa (Strauss, 1956).

O livro de Heider *A psicologia das relações interpessoais* (1958) não é uma psicologia social. Sua modéstia não quis apresentar ao leitor nada além de algumas "notas de trabalho a respeito de uma pré-teoria das relações interpessoais" (Heider, 1958). Contudo, o caráter que dá à psicologia social fica aparente nele. Diferentemente de Mead, a psicologia de Heider é claramente confinada às explicações psicológicas. Por exemplo, quando tratando problemas de percepção, como veremos adiante, problemas que são em grande parte dependentes dos mecanismos psicológicos, ele constrói inteiramente sua explicação em termos puramente psicológicos (Heider, 1958). No seu arco reflexo, não diz nada sobre a psicologia da percepção. Da mesma forma, não tem nenhuma pretensão de explicar o homem de um ponto de vista evolucionista. Aceita que o homem é do jeito que é, pelo menos por um período de tempo suficientemente largo, de modo a requerer, por isso, a atenção da ciência para as atuais características cognitivas e de comportamento.

De acordo com Lewin, a psicologia deveria construir seu próprio domínio autônomo de conceitos como qualquer outra ciência desenvolvida tende a fazer, e deveria purificar-se segregando-se as outras ciências. Heider está a par do conselho (1959, p. 4) e concorda com esse ponto de vista da filosofia da ciência de Lewin. Observa:

talvez a razão porque tantos se afastam do uso de conceitos mentais é não-somente a dificuldade de os definirmos operacionalmente, mas o fato de que eles são excessivamente únicos (Heider, 1959, p. 11).

Assim como o conceito de evolução para Mead, o ponto básico para unificar o pensamento de Heider é o conceito de consistência, o qual é explicitamente discernível na teoria do balanço, e implicitamente, na sua concepção da psicologia ingênua. As pessoas tentam dar sentido consistente às ações das outras, através da aplicação de conceitos que foram elaborados a partir de generalizações, as quais tomam como matéria-prima as ações de outras pessoas.

Depois de termos visto as diferenças mais importantes na concepção da psicologia social, vejamos agora alguns pontos específicos. Começemos com o conceito básico de percepção e examinemos alguns poucos pontos selecionados que, esperamos, farão claras as semelhanças e as especificidades dos dois autores.

Percepção

Heider concebe percepção como o processo por ele denominado de arco de percepção, que é uma interrelação de cinco variáveis (veja Figura 1). O objeto externo, isto é, a parte do meio ambiente que a pessoa está percebendo, é o estímulo distal ou enfoque inicial, a variável exógena. O estímulo distal é mediado por padrões de estímulos, como a luz, as ondas sonoras, a temperatura, etc., que funcionam como variáveis intervenientes. Estas, ao incidirem diretamente sobre os órgãos dos nossos sentidos, são os estímulos próximos. O processo de percepção, como fenômeno psicossocial, começa no estímulo próximo. Mas nós atribuímos ao estímulo distal a consciência do objeto ou *percebido*, o qual é a variável dependente. Esta variável é determinada pelo estímulo próximo, ou camadas periféricas, e pelos processos centrais, ou condutos perceptivos.

Quando o estímulo distal é um objeto social, a percepção não se refere a qualidades físicas como cor, forma, condições, etc, mas a qualidades sociais como intenções, desejos, habilidades, sentimentos. Assim, as variáveis intervenientes frequentemente não são elucidadas com precisão pelo sujeito. Há uma interação entre os estímulos próximos e os processos centrais que corresponde à organização do sentido (direção X 3 para X 2) e da percepção seletiva (direção X 2 para X 3).

Há uma pressuposição pouco usual nesse modelo, isto é, X 1 é altamente correlacionado com X 5, mesmo quando as variáveis intervenientes variam. Esse é o fenômeno da constância da percepção. A percepção dos objetos mantém-se bastante constante, a despeito da variação das formas de estímulos, como por exemplo as formas de ondas da luz refletidas por uma mesa ou as diferentes indicações que fazem a mediação de um estímulo social distal, como o desejo.

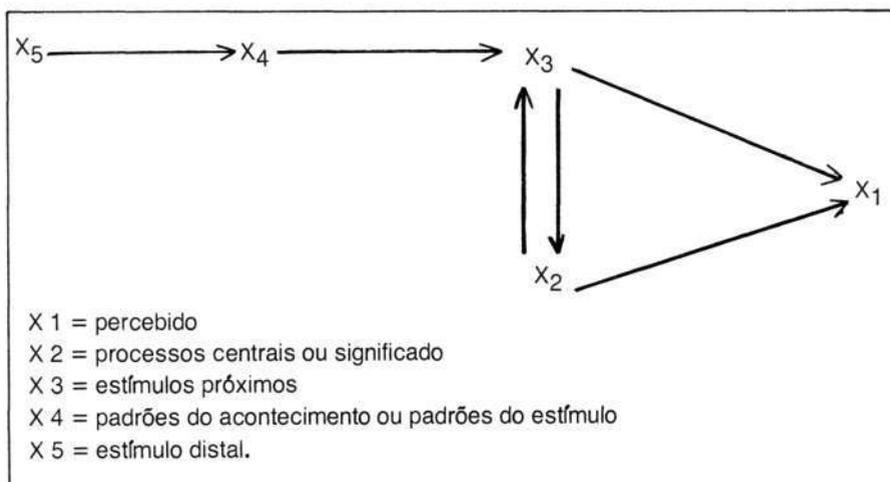


Figura 1 - Diagrama representativo da percepção, de acordo com Heider (1958).

A correlação é menor na percepção social do que na percepção de coisas. Essa correlação varia diretamente com o tamanho (em tempo, assim como em espaço) do estímulo distal (Heider, 1958, pp. 20-58).

Diferentemente de Heider, Mead nos oferece uma teoria muito menos fácil de lidar, em termos de diagramação. O nosso modelo tentativo tem como finalidade chegar tão perto quanto possível de uma sucessão temporal, mas o pensamento de Mead não se presta completamente a ser transformado e expresso em forma de modelo causal e temporal, mesmo quando se sabe que ele advoga a espaço-temporalidade da percepção (veja Figura 2). Por outro lado, o seu tratamento dos processos psicológicos geradores da percepção tenta evitar qualquer sorte de dualismo. Nossa apresentação, embora possivelmente útil, deve ser entendida como tentativa.

O modelo pode ser descrito da seguinte maneira: o objeto de percepção tem algumas condições estabelecidas pelas suas propriedades físicas. Tanto o objeto de percepção, como toda a sua ambiência, estão relacionados ao ato total do organismo, o qual tem sua origem no gesto (pode ser despertado através de um estímulo distante). O objeto de percepção provoca mudanças que causam a excitação dos sentidos e, assim, a excitação do sistema nervoso. A experiência passada fornece seu arquivo prévio de modo a dar sentido à percepção e informação ao ato juntamente com o estímulo presente (Mead, 1959, pp. 54-55 e 274; Mead, 1970, pp. 109-117; Strauss, 1956, pp. 45-46 e 102-119). Os gestos e os atos se transformam em experiência, através do sistema nervoso.

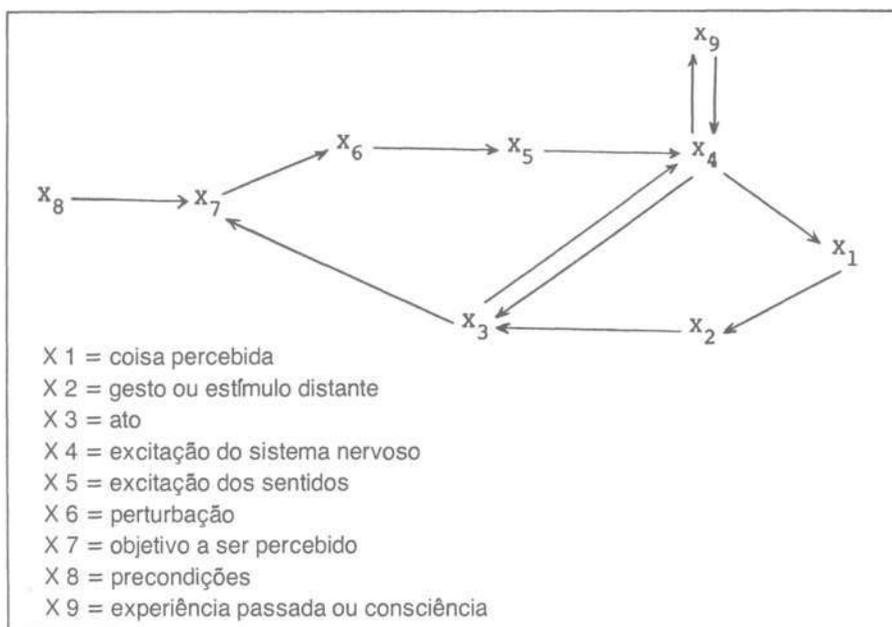


Figura 2 - Diagrama representativo da percepção, de acordo com Mead (1970).

A concepção que Mead tem da percepção é muito proximamente interconectada com sua concepção do ato. Ele diz que não podemos fazer uma teoria da percepção tomando os objetos percebidos como um dado, porque temos primeiro que determinar o método como descobrir qual é, de fato, o objeto que está sendo percebido. Isto explica a singularidade do modelo e claramente corresponde ao pensamento de Mead a respeito deste aspecto específico da psicologia social.

Comparando as teorias de percepção de Heider e Mead, chegamos àquelas diferenças a que aludimos, entre a explicação que pode ser usada como predição e a que nos leva a um entendimento como *Weltanschauung*. Heider faz predições testáveis a partir de suas explicações teóricas, e de fato as testa. As teorizações de Mead são presumivelmente testáveis, visto que todas as variáveis são observáveis. Contudo, a vagueza em certas frases, assim como a excessiva abrangência no domínio de sua teoria, tornam bastante difícil derivar dela proposições claramente testáveis. Só é possível uma aproximação imperfeita entre os dois modelos. Por isso, uma sinopse (Tabela 1) tem o seu valor comparativo limitado, por causa das especificidades que cada variável assume para cada um dos autores.

Tabela 1 - Sinopse das variáveis na teoria da percepção

HEIDER	MEAD
X 1 =	X 1
X 2 =	X 9(?)
X 3 =	X 5
X 4 =	X 6
X 5 =	X 7, X 8

Espaço vital e "self"

O segundo par de conceitos que pretendemos comparar é o de espaço vital com o de *self*. Deve ficar claro que o primeiro não é de Heider, mas sim de Lewin. O freqüente uso que Heider fez dele, contudo, nos permite tomá-lo como uma das peças principais da sua teoria. A característica que o conceito de espaço vital possui, isto é, um mecanismo através do qual as influências sociais se efetuam sobre o indivíduo, nos leva a aproximá-lo teoricamente do conceito de *self*, tal como foi proposto por Mead. Ambos dizem respeito à organização das experiências do indivíduo.

Heider define espaço vital como a consciência do meio ambiente e do que acontece neste. O meio ambiente inclui mais do que os objetos físicos que estão em torno de nós. As relações parciais, as relações funcionais e as avaliações são partes do espaço vital. A percepção é um modo como os fatos objetivos chegam ao espaço vital de cada um. Outro modo é através da linguagem.

O espaço vital do indivíduo forma uma representação consistente do mundo, através da arrumação dos estímulos imprecisos em forma de figuras integradas (processo integrativo) e através da escolha da mais parcimoniosa entre todas as integrações possíveis (Heider, 1958, pp. 15-17). Portanto, o espaço vital não é um repositório passivo de experiências, como a memória. Nele existem processos de influências em que usamos informações já contidas no espaço vital, de modo a chegar a novas conclusões.

A idéia da representação de campo permitiu a Lewin chegar a noção de espaço vital como um modo engenhoso de lidar com as representações interiores dos vários pontos do ambiente geopsicológico, e com as relações entre essas representações. O espaço vital ou ambiente comportamental contém mais do que simplesmente o ambiente físico. Contém as possibilidades funcionais do ambiente que são comuns a todos os sujeitos em um mesmo ambiente geográfico, assim como as intenções ou representações que são específicas de um sujeito particular.

Os símbolos no espaço vital têm referências no espaço físico mas não é necessário que, naquele, tenham as mesmas dimensões de tempo e de realidade que apresentam neste. Os acontecimentos que são de fato futuros no tempo, podem estar influenciando o espaço vital da pessoa no momento presente, e o mesmo pode acontecer a respeito de coisas irreais (Heider, 1959, pp. 8-11).

Uma pessoa reage a outra, não só em termos do que esta está fazendo, mas também em termos do que a primeira pensa que a outra está percebendo, sentindo, pensando. As características de causação e de sentimentos determinam "que papel a outra pessoa desempenha no nosso próprio espaço vital e como nós reagimos a ela" (Heider, 1958, p. 17).

Heider é um teórico cognitivista, Mead é um behaviorista social. O uso do conceito de espaço vital, para definir a representação dos processos psicológicos internos, é uma especificidade de quem é orientado para o campo cognitivo. Será que poderíamos achar algum conceito similar no behaviorista Mead? Gostaríamos de demonstrar que a resposta é sim. O *self* é o conceito que mais se aproxima daquele de espaço vital.

Mead concebe o *self* como sendo um produto da vida social desenvolvido em um indivíduo específico, como resultado da sua experiência social e da sua atividade. A característica mais importante do *self* é que este é um objeto para si próprio. Mas o *self* tem outras características que são paralelas àquelas descritas no trabalho de Heider a respeito do conceito de espaço vital. Mead diz que "tendemos inevitavelmente, a partir de um certo nível de sofisticação, a organizar toda nossa experiência naquela do *self* (Mead, 1970, p. 135). Além disso, o *self* não é um conceito que se refere ao organismo. Podemos distinguir muito claramente entre o *self* e o corpo, mas organizamos a experiência corporal no *self*.

A comunicação e a percepção são os modos como o mundo exterior entra no *self*. Mas, diferentemente do espaço vital, o *self* tem as características de comunicar consigo próprio, seguir os próprios atos e palavras, questionar e responder a si próprio. Além disso, é através do *self* que somos capazes de experimentarmos a nós mesmos como tais.

A mente individual tem a experiência de si própria, não diretamente, mas só indiretamente, através do ponto de vista particular de outro indivíduo do mesmo grupo social global ao qual o primeiro pertence. Isso porque este entra em sua própria experiência como um *self* ou indivíduo, não diretamente ou imediatamente, não se transformando em sujeito para si próprio, mas somente à medida em que primeiramente se torna um objeto para si próprio, do mesmo modo que outros indivíduos são objetos para ele ou figuram como tal em sua experiência. E ele só se torna um objeto para si próprio, assumindo as atitudes de outros indivíduos a respeito de si, dentro do ambiente social ou do contexto de experiências e comportamento em que ambas as partes, isto é, ele e os outros indivíduos, estão envolvidos (Mead, 1970, p. 138).

Assim como o espaço vital, o *self* tem diferenças individuais específicas, concomitantemente com características referentes a grupos gerais. O *self* como unidade é composto de *selves* elementares que refletem a unidade e estrutura de um dos vários processos em que o indivíduo está envolvido. O *self* completo reflete a estrutura do grupo social (Mead, 1970, p. 144).

Quando o *self* é tomado na sua totalidade, temos o que Mead chama de *outro generalizado*. Assim como no espaço vital, é através do outro generalizado que regulamos nosso comportamento ao tomarmos em consideração os atos e as consciências dos outros. Diferentemente do espaço vital, o outro generalizado não é sempre tão generalizado como o nome parece indicar. Refere-se à comunidade para a qual nosso comportamento está dirigido no momento. Mead dá como exemplo disso o caso de um time que está jogando bola. O outro generalizado não é a comunidade em geral, mas o time com o qual a pessoa está jogando.

Em outras ocasiões, entretanto, o outro generalizado inclui toda a comunidade que está dentro do campo da experiência do indivíduo, isso é "a base essencial ou pré-requisito do desenvolvimento maior do *self* daquele indivíduo" (Mead, 1970, p. 153).

Para Heider, todos os atos do indivíduo estão sob a influência do conteúdo do espaço vital. Para Mead, não é esse o caso a respeito do *self*. Nas nossas ações habituais, assim como na criança, há experiências que não envolvem o *self*, exceto que elas são posteriormente organizadas no *self* pelo menos quando nos referimos ao adulto. Por outro lado, o *self* é composto por dois aspectos: o *eu* e o *me*. O *me* corresponde ao conjunto organizado de atitudes de outras pessoas, o qual nós interiorizamos. O *eu* é a resposta do organismo às atitudes dos outros, e corresponde ao que é pessoal, espontâneo e criativo no nosso comportamento.

Heider não faz uma diferença estrutural no espaço vital para nenhum processo específico. Os seus dois princípios são a formação da unidade e o balanço das situações, o segundo sendo uma derivação do primeiro.

Embora haja diferenças muito importantes entre os conceitos de espaço vital e de *self*, ambos têm a função teórica, entre outras, de organizar a experiência do indivíduo e de ser o conduto através de que a maioria das ações (no caso do *self*) ou todas elas (no caso do espaço vital) são delineadas.

Teoria dos papéis e psicologia ingênua

O próximo ponto a ser abordado é a comparação entre a teoria dos papéis de Mead e a psicologia ingênua de Heider. O aspecto comum é que ambas as construções teóricas representam formas de coordenar as ações das pessoas em relação com as ações dos outros. Poderíamos aplicar ao aspecto referente à empatia com papel de outrem, o mesmo que Heider diz sobre o senso comum ou a psicologia ingênua:

Na vida diária, formamos idéias sobre outras pessoas e sobre situações sociais. Interpretamos as ações dos outros e predizemos o que eles vão fazer em certas circunstâncias. Embora que, em geral, essas idéias não sejam explicitamente formuladas, muitas vezes funcionam adequadamente. Adquirem, em certa medida, o que se supõe que uma ciência deva ter: uma descrição adequada do tema em foco, a qual faz possível a predição (Heider, 1958, p. 5).

Heider estudou a vida diária diretamente, ou representada em histórias, peças e novelas, como modo de achar iluminação científica para a psicologia das relações interpessoais e de oferecer uma linguagem apropriada para o estudo desta. Entretanto, esse não é o ponto que queremos discutir. O importante é que descobriu e sistematizou o que ele caracteriza como um sistema subjacente no nosso modo de pensar a respeito das relações interpessoais (Heider, 1958). Tal sistema funciona não através do entendimento de um conjunto de normas sociais, como no caso de Mead quando se refere à empatia de papel, mas como uma teoria fixa de percepção, ação e motivação. A pessoa percebe e interpreta as ações dos outros aplicando esse tipo de gramática ou, como Heider a descreve, "a matriz de esquemas em termos da qual o ambiente social é visto" (Heider, 1958, p. 58), composta de cognições, expectativas e ações que nós reunimos baseados no domínio das interrelações causais do ambiente. A pessoa é um agente ativo da ação. Heider torna claro que esse caminho advém do pensamento de Lewin.

As regras de percepção, ação e motivação devem ser empregadas como ferramentas de modo a atingir os objetivos que as pessoas se impõem para si próprias. A estratégia nas relações interpessoais é produzir as condições para as ações dos outros (Heider, 1958).

Heider estuda o comportamento em um mundo mais psicológico do que sociológico. O lugar que o sujeito ocupa na organização social não contribui para sua teorização. A psicologia ingênua é construída independente da estruturação social, mesmo quando o poder é o objetivo. Não é o poder estrutural que ele considera, mas as relações interpessoais que formalizam a expressão do poder.

Mead apresenta o seu conceito de empatia de papel como resultado do conceito de gesto vocal e em relação muito próxima com a mente e o *self*. As pessoas são capazes de responder ao seu próprio gesto vocal, da mesma maneira que outros indivíduos responderiam a ele. É nesta situação que o indivíduo se torna um objeto no seu próprio campo de comportamento. Dirigindo-se ao seu próprio *self* e respondendo com as respostas apropriadas de outra pessoa, a criança é capaz de se auto-esti-

mular nessa atividade e cria a capacidade de assumir vários papéis, precipitando, assim, por esse processo, o mecanismo da mente. Daí em diante, o sujeito é capaz de assumir os papéis dos outros e despertar em si próprio as mesmas reações que os outros esperariam de si como determinadas pela sociedade em qualquer situação de fato (Mead, 1970, pp. 144-145 e 354-369).

Através da capacidade de criticar a si próprio do ponto de vista de outros, o sujeito se torna capaz de responder à situação na forma prescrita pela sociedade. Ele é capaz de preencher as expectativas do papel. Não está implícito, porém, no pensamento de Mead, que o homem age sempre deterministicamente de acordo com essas expectativas. Ao contrário, ele claramente afirma que muitas vezes nós nos surpreendemos por nossos atos, quanto mais os outros. Porém, enquanto Heider centraliza sua ênfase na procura de fins racionalistas individuais, Mead põe a sua ênfase nas expectativas da sociedade.

Empatizar com o papel de outrem é, em grande parte, o modo como identificamos as expectativas que eles têm a respeito dos nossos próprios atos, especialmente quando estamos olhando para nós mesmos do ponto de vista do outro generalizado, isto é, quando estamos olhando para os nossos papéis da forma como aparecem na rede social de que são parte.

SUMÁRIO CONCLUSIVO

Nesse trabalho, vimos que Heider e Mead foram expostos à influência da psicologia alemã, especialmente a da Escola de Berlim, cujo humanismo adotaram. Quando consideramos suas abordagens à psicologia social, vemos Mead olhando para um mundo evolucionário em que o homem, assim como é agora, precisa ser explicado tanto do ponto de vista do desenvolvimento de cada indivíduo, como do ponto de vista do desenvolvimento da espécie. Ele desenvolve sua teoria do aparecimento da mente através da interrelação entre três termos: a espécie com a sua capacidade biológica, o ambiente com as suas possibilidades de condicionamento e a vida social como processo de interconexão. Símbolos significantes, especialmente a linguagem, são a característica principal da vida social em que ele baseia sua teoria. Heider, pelo contrário, não é um evolucionista. Prefere renunciar às grandes questões de modo a ganhar no poder preditivo e na testabilidade.

Heider faz a percepção depender mais fortemente dos objetos externos do que Mead. Contudo, Mead inclui na sua teoria da percepção a seletividade do objeto a ser percebido, coisa que Heider não faz. O mais próximo que este chega disso, é quando incorpora no seu modelo a influência dos processos centrais sobre os estímulos próximos.

Tanto o espaço vital como o *self* explicam a influência da sociedade sobre o comportamento do indivíduo. Como uma ferramenta de representação, o espaço vital, com as suas propriedades topológicas, é muito preciso e maleável. O *self* tem a propriedade singular de permitir a representação do próprio indivíduo, como sujeito e como objeto. Assim como os conceitos irmãos de mente e de consciência, o conceito de

self foi embutido por Mead em um contexto evolucionário. Nem Lewin nem Heider tiveram a intenção de fazer a mesma coisa com o conceito de espaço vital.

A diferença de abordagem entre a teoria dos papéis e a psicologia ingênua não é suficiente para cumprir a intenção de ambos os autores de estudar as regras que são usadas para lidar com as relações sociais em termos de expectativas e de previsões. Indicamos, além disso, que a teoria de Mead deixa mais espaço do que a de Heider para comportamentos espontâneos, instintivos ou não-racionalísticos.

Como ponto final, gostaríamos de chamar atenção para o modo como eles abordam a pesquisa empírica. Embora Mead tenha discutido extensivamente a filosofia da ciência, postulando a necessidade de pesquisa empírica (Mead, 1944, pp. 264-291) ele só usa os resultados a que esta chega de um modo muito limitado, como quando discute as observações de Darwin sobre as expressões das emoções entre os animais (Mead, 1970, pp. 15-18). De modo similar, não se preocupou em testar empiricamente suas teorias, nem parecia esperar que alguém fizesse isso posteriormente.

Heider é muito mais alerta do que Mead para os resultados dos testes empíricos. Não só integra nas suas teorias muitas das pesquisas efetuadas nos tópicos que aborda, mas também abre a possibilidade de testá-las ele próprio, e chega mesmo a fazê-lo, com algumas das suas explicações (Heider, 1958, pp. 31-32 e 44-45).

Em vez de tentar encontrar em Mead um anti-empírico, parece mais apropriado explicar tais diferenças pelo tipo de teoria que cada um deles se propõe construir. Heider visa recobrar para a psicologia científica os tesouros de conhecimento que estão escondidos no modo como lidamos com os problemas de relações interpessoais na vida diária. Começa, pois, seu trabalho, sistematizando esse conhecimento a partir de baixo, até o alto do edifício. Mead é o filósofo, ao mesmo tempo que é o psicólogo social. Sua orientação visa dar sentido à mente, ao *self* e à sociedade em um contexto evolucionista de referência geral. Nesse nível de teorização, é algumas vezes impossíveis, mas certamente sempre difícil, estar preocupado com a evidência empírica. Algumas das suas explicações são definitivamente impossíveis de serem levadas à experimentação, como é o caso do aparecimento histórico da mente na espécie humana. Outras, entretanto, embora muito difíceis de serem abordadas através da experimentação por razões que apontamos antes, não são intrinsecamente impossíveis de serem testadas.

Podemos abordar o problema da testabilidade do ponto de vista de técnicas de pesquisa disponíveis. Enquanto que Heider constrói suas teorias de modo que, em princípio, podem ser manejadas pelas técnicas de pesquisa existentes, Mead está completamente fora de tempo neste assunto, a partir do momento em que define como comportamento observado, inclusive coisas que se passam dentro do organismo individual (Mead, 1970, pp. 5-6).

Não podemos literalmente encontrar no sistema nervoso as atitudes que são o *início do ato* e, em muitas instâncias das teorizações de Mead, a palavra não é indicador suficiente das experiências interiores. Esse ponto é particularmente claro quando compara a linguagem dos gestos nos homens e nos animais. Provavelmente não poderíamos decidir experimentalmente se a diferença no comportamento humano,

comparado com o comportamento animal, é simplesmente quantitativa, como aquela entre uma calculadora de mesa e um grande computador, ou se é qualitativa e causada pela presença, nos homens, da capacidade de simbolizar e pela ausência dessa capacidade nos animais (Mead, 1970, pp. 16-18; p. 367).

Fica, pois, a visão geral de que, a julgar pelos critérios explicitados no início deste trabalho, seja verdade que Mead é predominantemente arcaico e Heider predominantemente moderno. Essa é apenas metade da verdade. A outra metade é que muitas de suas idéias são complementares e a maioria delas são excitantemente estimulantes para o desenvolvimento da psicologia social, a despeito dos seus distintos estilos de pensamento.

Tomando as tendências da disciplina da psicologia social (Haller, 1971; Deutsch e Krauss, 1965; Proshansky e Seidenberg, 1965) como variáveis independentes, poderíamos explicar que Heider produz atração mais forte sobre aqueles psicólogos sociais que são orientados psicologicamente, e Mead, sobre aqueles cuja preocupação principal é a visão sociológica.

Essa influência, por assim dizer, especializada, se torna, por isso, muito difícil de ser comparada em sua importância. Sem dúvida, como sugere um dos revisores anônimos, é gigantesca a contribuição de Heider à psicologia social científica contemporânea. Por outro lado, a influência de Mead o é também. Talvez a comparação entre elas seja incomensurável, porque cada uma é exercida principalmente em um domínio. Heider tem suscitado o desenvolvimento e o teste diretos de suas idéias teóricas, enquanto Mead tem servido de fonte ancestral de idéias que se vêm desenvolvendo recentemente, já em segunda geração, isto é, a partir de formulações de autores que se inspiraram na sua concepção psicossocial.

A Figura 3 grafa o índice de citações, que é uma das possíveis medidas de suas influências. As linhas correm paralelas e ascendentes sob a constante predominância de Heider, exceto em 1972 e em 1985-1986. A partir de 1983-1984 se instala uma tendência descendente de ambos, que, mesmo assim, se mantêm em níveis superiores a cem citações por ano.

Heider ofereceu as bases teóricas para um dos assuntos que mais foram pesquisados nas décadas de 50 e 60. Com efeito, as diferentes teorias de balanço, de equidade e de consciência cognitiva têm todas inspiração no princípio de equilíbrio proposto por Heider. Nas décadas de 70 e 80, sua idéia de atribuição de causalidade, tem oferecido inspiração para parte considerável da produção no campo da psicologia social empírica.

A proximidade de Heider em relação ao empírico e ao testável faz dele um campeão de citações. O fato de que seu trabalho é mais recente que o de Mead é outra razão que lhe aumenta a probabilidade de ser citado, especialmente nas publicações dirigidas à audiência do mundo científico.

Grande parte da atual influência de Mead, pelo contrário, é exercida a um nível menos explícito. O uso da teoria dos papéis sociais, de que Mead foi um dos primeiros articuladores, transcendeu de muito o âmbito da psicologia social e se tornou comum em campos em franco desenvolvimento, como o estudo das organizações (Katz e Kahn, 1978), e em pesquisas sociológicas de estratificação social, como o Modelo

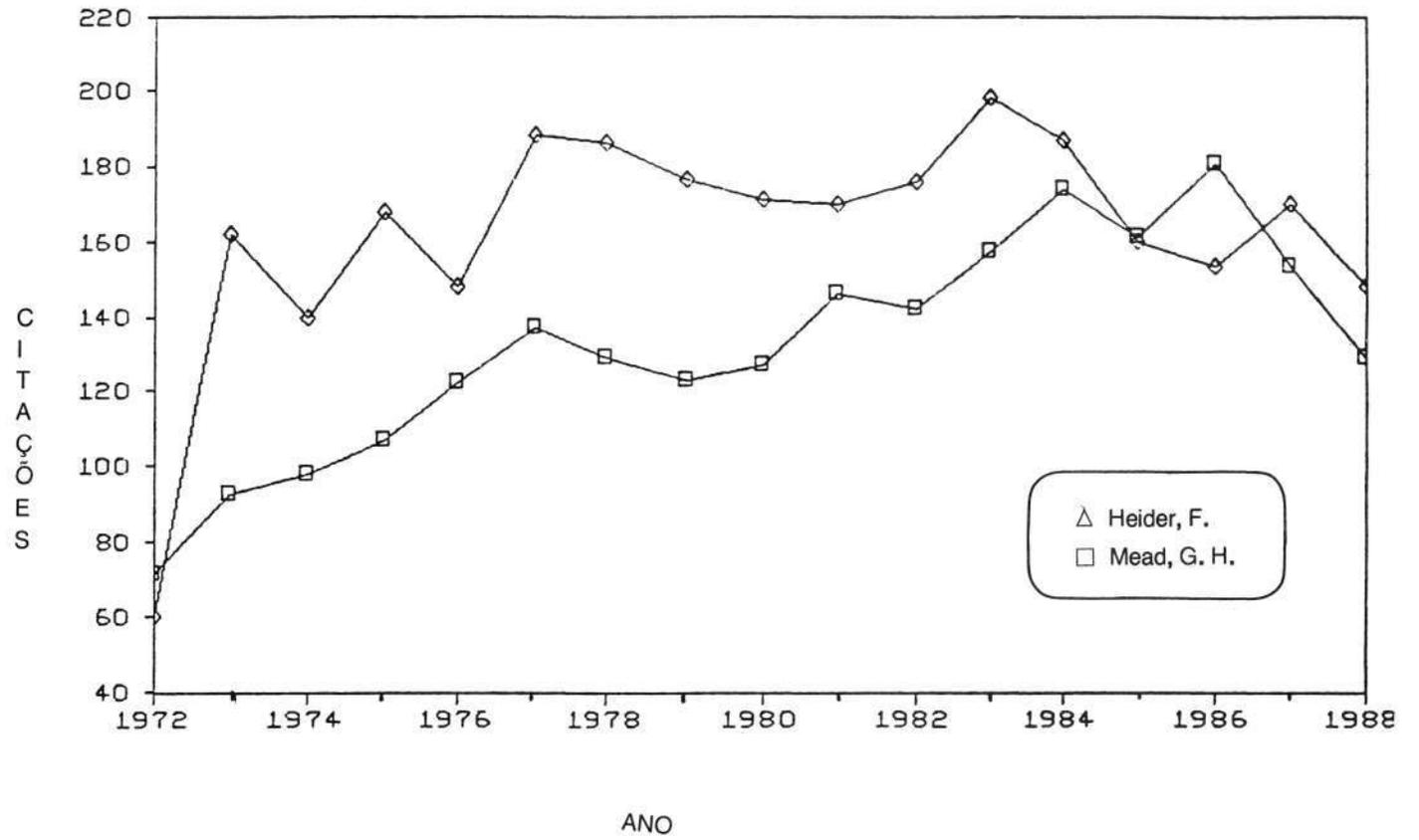


Figura 3 – Índice de citações de Heider e Mead no período de 1972 a 1988.

de Wisconsin (Sewell, Haller e Portes, 1972) e seus derivados. Por causa disso, as citações a seu nome não condizem com o débito científico que esses campos de especialização de fato lhe têm.

A distância temporal entre Mead e a presente geração de cientistas sociais faz com que os laços entre estes e aquele sejam estabelecidos através de intermediários, como Merton, Biddle e Thomas, Moreno, Newcomb, Sewell, Goffman e outros, nem sempre associados explicitamente com a herança intelectual meadiana. Por outro lado, o imenso débito do pragmatismo americano, especialmente em sua vertente educacional, à obra filosófica de Mead reforça e alarga a sua influência no campo da psicologia social enquanto ciência. Vistas em conjunto, as influências de Mead e Heider se reforçam e se completam, embora sejam em muitos aspectos irreduzíveis uma à outra.

Tomar em consideração, expandir e aprofundar os paralelos entre as teorias dos dois autores será provavelmente um bom serviço ao aumento da cumulatividade das ciências sociais e ao seu desenvolvimento em forma de um campo de teorias empiricamente testadas e, sempre que possível, mutuamente integradas em um contexto de compreensão humanística do homem, com algum espaço reservado à inventividade e à volição.

REFERÊNCIAS

- Allport, G. (1968). The historical background of modern social psychology. Em G. Lindzey e E. Aronson. *The handbook of social psychology*. Reading, Mass.: Addison-Wesley. (Vol. 1). Pp. 1-80.
- American Psychological Association (1965). Distinguished scientific contribution award. *American Psychologist*, 20(12), 1079-1088.
- Deutsch, M. & Krauss, R. (1965). *Theories in social psychology*. Nova Iorque: Basic Books.
- Haller, A. O. (1971). *Social Psychology: Action, personality and social structure*. (Mimeo).
- Halsey, A. H. (1971). Social Sciences em *Encyclopaedia Britannica*, 20, 758-762.
- Heider, F. (1958). *The Psychology of interpersonal relations*. Nova Iorque: John Wiley.
- Heider, F. (1959). On Lewin's methods and theory. *The Journal of Social Issues*, Supplement Series, No. 13.
- Heider, F. (1970). Gestalt Theory: early history and reminiscences. *Journal of the History of Behavioral Sciences*, 6(2), 131-139.
- Katz, D., & Kahn, R. L. (1978). *The Social psychology of organizations*. Nova Iorque: Wiley.
- Mead, G. H. (1944). *Moviments of thought in the Nineteen Century*. The University of Chicago Press.
- Mead, G. H. (1959). *The philosophy of the act*. The University of Chicago Press.
- Mead, G. H. (1970). *Mind, self and society*. The University of Chicago Press.
- Morris, C W. (1970). George H. Mead as social psychologist and social philosopher. Introdução a G. H. Mead. *Mind, self and society*. The University of Chicago Press.

- Proshansky, H., & Seidenberg, B. (1965). *Basic studies in Social Psychology*. Nova Iorque: Holt, Rinehart, and Winston.
- Rühle, O. (1966). *Idee und Gestalt der deutschen Universität-Tradition und Aufgabe*. Berlin: VEB Deutscher Verlag der Wissenschaften.
- Sewell, W., Haller, A., & Portes, A. (1969). The educational and early occupational attainment process. *American Sociological Review*, 34(1), 83-92.
- Strauss, A. (1956). *The social psychology of George Herbert Mead*. The University of Chicago Press.
- Victoroff, D. (1953). *G. H. Mead sociologue et philosophe*. Paris, PUF.

Artigo recebido em 17/10/88.